

Os Quilombos e a rebelião negra*

de Clóvis Moura

A violência como categoria econômica: a crítica de Clóvis Moura à historiografia hegemônica

Violence as an economic category: Clóvis Moura's critique of hegemonic historiography

por Yasmin Victoria Santos Malaquias**

O livro *Os quilombos e a rebelião negra*, de Clóvis Moura (1925-2003), foi publicado originalmente em 1981 pela editora Brasiliense (Farias, 2022). Mesmo que, segundo Márcio Fárias (2022), não esteja dentre as obras mais famosas do autor piauiense, como *O negro: de bom escravo a mau cidadão?* (2023a) e *Brasil: as raízes do protesto negro* (2023), o livro é essencial para compreender as diversas manifestações e resistências dos africanos no Brasil, em especial no contexto do escravismo. *Os quilombos e a rebelião negra* (2022), que a Editora Dandara acaba de publicar, além de ser de extrema importância para a mudança na historiografia acadêmica, desconstrói a imagem do negro como figura passiva perante a história, sobretudo no Brasil Colônia.

Ao escrever sobre os quilombos, o autor demonstra que eles estiveram presentes desde a constituição do escravismo no Brasil e explicita quais os diversos meios que levaram à atuação dos quilombolas e até mesmo de escravizados, o que foi denominado pelo autor como rebelião negra, que culminou também na Abolição da Escravatura, em 1888.

Na introdução, o escritor apresenta uma crítica à tradição hegemônica da historiografia, que colocava a população branca como atuante na história, mas a negra não:

[...] os movimentos de rebeldia dos escravos e a violência usada por eles contra o sistema escravista são subestimados

* São Paulo: Dandara, 2022.

** Estudante do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) - Campus Avançado Jundiaí-SP, Brasil. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI-IFSP). End. eletrônico: yasminvictoriamlk@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1688-4597>

constantemente. Esquecem-se esses estudiosos que *a violência também é uma categoria econômica*. Daí porque vemos tanto papel ser gasto na discussão do problema, como se o escravo não existisse no sistema escravista como sujeito coletivo atuando na dinâmica social (2022, p. 20 – grifo nosso).

Embora Clóvis Moura não retome, de maneira explícita, a violência como categoria econômica ao longo do texto, é notório que esse conceito constrói não só a história negra no Brasil, como também o livro escrito por ele. O autor, de forma contundente, explica como as violências – sejam elas grandes ou pequenas, físicas ou simbólicas – estruturaram o modo de produção escravista no Brasil. E, mais, Moura revela como os quilombolas e ex-escravizados utilizavam a violência como resposta à ordem escravista. Ainda na introdução, ressalta que o objetivo do livro é

[...] mostrar o comportamento divergente do escravo, isto é, o escravo participando da luta de classes, para usarmos o termo já universalmente consagrado. Quando, no regime escravista, analisamos a sua composição, constatamos que no mesmo há duas classes fundamentais: senhores e escravos. Esta é a antinomia básica. E é a partir da compreensão desse fenômeno que poderemos interpretar a trajetória da escravidão no Brasil, do seu nascimento ao seu fastígio e do seu fastígio ao seu declínio e decomposição. (Moura, 2022, p. 23)

É por meio da protagonização desse comportamento divergente que Clóvis Moura revoluciona o modo em que as histórias do negro no Brasil eram propagadas. Ademais, cabe apontar que o viés marxista é nitidamente presente na obra mouriana, como se vê pela utilização do conceito *luta de classes*, ancorado em Karl Marx. Tal inclinação demonstra que o nosso pensador tem o seu reconhecimento não somente em virtude da sua produção intelectual, mas também pelo seu destaque no âmbito da política, pois “iniciou sua militância no Partido Comunista Brasileiro em 1945 e, no ano de 1962, quando houve a cisão do partido, filiou-se ao PCdoB.” (Literafro, 2021). O que justifica uma forte presença marxista em sua obra, que se traduz numa práxis autêntica.

Em *Os quilombos e a rebelião negra* (2022), o autor reafirmou sua tese de que as violências tecem a história brasileira por meio de exemplos históricos. Porém, antes de empregá-los em seu texto, Moura (2022) fez um breve panorama da organização militar e econômica dos quilombos, tendo como grandes exemplos o Quilombo dos Palmares, em Alagoas, e o Quilombo de Ambrósio, em Minas Gerais. Uma das características que o teórico aponta é que “à medida que ele [quilombo] crescia, [...] tinham de surgir formas de governo, religião, propriedade, família e especialmente economia.” (Moura, 2022, p. 46). Ou seja, cada quilombo tinha sua especificidade no que diz respeito à sua organização.

Ao abordar o aspecto religioso, Moura (2022) demonstra que não foram somente as religiões de matriz africana que predominaram na constituição do escravizado naquela época. Além do processo de cristianização, houve um processo de islamização. O islamismo, inclusive, teve uma grande atuação nas insurreições urbanas, especialmente na Revolta dos Malês, de 1835. A religião atuou como ponto de convergência e até mesmo como “[...] superestrutura ideológica [que] criava uma ponte de solidariedade suficiente para justificar a presença desses africanos livres” (Moura, 2022, p.70) nos movimentos.

Outro aspecto importante da obra é que Moura (2022) desconstrói a ideia de que o negro escravizado estava nessa posição por sua irracionalidade. O autor mostra a consciência de classe presente em um grupo, indicando as variadas formas de rebelião negra: “nem todas as lutas entre senhores e escravos foram, porém, tão violentas como as insurreições.” (Moura, 2022, p. 84), especialmente a ocorrida no engenho de Manoel da Silva Ferreira, em Salvador (Moura, 2022).

Esses escravizados fizeram diversas reivindicações, por meio de um tratado endereçado ao senhor do engenho. O autor recorre a este exemplo para tecer a crítica à teoria hegemônica naquele contexto: “[...] o nível de consciência desses escravos é ininteligível se nos apoiarmos nos conceitos clássicos de escravismo e alienação total do *instrumentum vocale* de acordo com teorias tradicionais” (Moura, 2022, p. 86). E mostra, inúmeras vezes, que “[...] os velhos conceitos consagrados sobre as limitações do escravo no processo do conhecimento, muitos deles repetidos por simples mimetismo científico, não são suficientes para interpretar a realidade emergente.” (Moura, 2022, p. 87).

Logo, uma nova teoria se faz necessária e o intelectual piauiense a faz, indiscutivelmente bem, ao conceber o negro como agente ativo de sua história. É neste quesito que se pode considerar Clóvis Moura um revolucionário e pioneiro sobre os estudos referentes aos quilombos.

Da mesma forma, ao longo do livro, o autor conclui que “o papel dessas lutas foi o de desgastar social, econômica e psicologicamente a classe senhorial” (Moura, 2022, p. 106) e a partir daí, esta classe – branca – atuou como ente reacionário e produtor de violência:

O receio da classe senhorial completava-se com os níveis de comportamento ambíguo do escravo, quando não abertamente violentos. A violência, dessa forma, penetrava, direta ou indiretamente, no relacionamento entre uns e outros (Moura, 2022, p. 107).

Assim, a violência emerge como uma constante no sistema escravista, sendo que “os níveis de violência podem variar, mas durante todo o transcurso do escravismo no Brasil serão visíveis e poderão ser constatados facilmente [...]” (Moura, 2022, p. 107). Esses níveis, como o autor demonstra, partem tanto da classe

dominante que, nesta estrutura, é a senhorial, com medo da revolta da classe dominada e escravizada, como da própria classe dominada, que utilizou dos recursos possíveis para demonstrar sua revolta e provocar sua revolução – em termos marxistas – que no caso seria um novo modo de produção, sendo esse em que o trabalhador negro é livre¹.

Além de desconstruir a imagem de passividade do negro, Moura investiga as causas da circulação desse estereótipo, concluindo que “dessas diversas tentativas de esconder-se a violência e/ou infundi-la nasceram vários estereótipos, um dos quais, conforme já afirmamos, é o da benignidade da nossa escravidão.” (Moura, 2022, p. 108). Tentativas que foram feitas por diversas instituições, como a própria Igreja Católica, que procurou, por sua vez,” [...] montar um aparelho ideológico capaz de dar aos escravos as razões de por que estavam em cativeiro e, aos senhores, racionalizar a violência do opressor.” (Moura, 2022, p. 107).

Portanto, *Os quilombos e a rebelião negra* (2022) é um livro que sintetiza o pensamento de Clóvis Moura e, a todo momento, tece críticas à historiografia hegemônica de sua época, que tratava os/as escravizados/as como figuras passivas na história, propondo uma leitura marxista de forma que a luta de classes seja o motor das mudanças ocorridas naquele período, situado entre o século XVIII e XIX. Ele reconta nossas histórias que foram escondidas, quebrando os paradigmas racistas, que até hoje persistem.

Diante da magnitude e ousadia de sua produção, é necessário manter a fortuna crítica de Clóvis Moura presente nos espaços acadêmicos, seja por meio de reedições de seus textos, como tem sido feito nos últimos anos pela Editora Dandara, seja por meio da veiculação de temáticas e debates sobre o autor. Clóvis Moura lutou, sobretudo, contra o esquecimento da história produzida pela população negra. Devemos, então, resistir para manter viva a sua memória e combater o silenciamento que assombra, injustamente, sua obra.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

FARIAS, Márcio. Notas do editor. In: MOURA, Clóvis. *Os quilombos e a rebelião negra*. São Paulo: Editora Dandara, 2022, p. 13-16.

¹ Entretanto, cabe apontar que, no capitalismo, o racismo segue como uma condição estruturante, como aponta Almeida (2021). Uma parcela significativa das mulheres negras, por exemplo, continuam relegadas aos espaços domésticos das casas brancas e, ainda que sejam livres, o trabalho é pouco valorizado e mal remunerado (González, 2020).

GONZÁLEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LITERAFRO: Universidade Federal de Minas Gerais. Clóvis Moura. 09 mar. 2021. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1381-clovis-moura>>. Acesso em: 03 out. 2023.

MOURA, Clóvis. *O negro, de bom escravo a mau cidadão?* São Paulo: Editora Dandara, 2023a.

_____. *Brasil: raízes do protesto negro*. São Paulo: Editora Dandara, 2023.

_____. *Os quilombos e a rebelião negra*. São Paulo: Editora Dandara, 2022.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira. Prefácio. In: MOURA, Clóvis. *Os quilombos e a rebelião negra*. São Paulo: Editora Dandara, 2022, p. 7-11.